

Perfil do Bacharel em Turismo: a disparidade entre a realidade da formação profissional e a necessidade do mercado de trabalho¹

Carolina Gaio²

(Docente: Faculdade Sinergia e Unidade de Ensino Superior Expoente)

Larissa Regis Fernandes³

(Docente: Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina, Faculdade Sinergia, e Instituto Blumenauense de Ensino Superior)

Resumo

O presente artigo contempla uma reflexão sobre o perfil do bacharel em turismo e sua adequação ao mercado de trabalho. A necessidade de se discutir esta questão partiu da análise da seguinte realidade: apesar do crescimento da atividade turística no Brasil, percebe-se que os profissionais da área estão tendo uma baixa absorção no mercado, culminando na diminuição da procura pelos cursos de bacharelado em turismo e no desaparecimento de muitos destes cursos. Como decorrência, a qualidade dos serviços, premissa considerada fundamental para que as empresas sobrevivam no ambiente competitivo atual, fica comprometida. Desta forma, por meio de um debate com profissionais do segmento turístico de Navegantes (SC) e região, bem como observações sobre o fenômeno turístico local, foi possível identificar alguns elementos que levam à problemática levantada, que podem contribuir para uma melhor adequação do perfil do profissional da área às necessidades do mercado.

Palavras-chave: Bacharel em turismo, perfil profissional em turismo; mercado de trabalho.

1 Introdução

Mesmo se tratando de uma atividade profissional que ainda está formando sua identidade, já que é considerada recente, principalmente no Brasil, o interesse pelo turismo acabou por despertar igual interesse por seu estudo mais aprofundado, o que resultou na criação dos cursos superiores e na formação do Bacharel em Turismo, figura esta que tem como responsabilidade desenvolver a atividade de maneira sustentável e contribuir para a qualificação dos produtos e serviços turísticos disponíveis.

¹ Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Graduada em Turismo e Hotelaria, especialista em Formação para Docência em Turismo e Hotelaria e Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI). Docente das disciplinas de Planejamento Turístico, Estágio Supervisionado e Projetos Turísticos. E-mail: carolina.gαιο@uol.com.br

³ Graduada em Turismo e Hotelaria, Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI). Docente das disciplinas de Tópicos especiais em Turismo, Alimentos e Bebidas e Meios de Hospedagem. E-mail: larissarf@terra.com.br

No entanto, uma análise do mercado revela que, apesar da grande oferta de mão-de-obra especializada, as empresas brasileiras que trabalham com o turismo ainda são formadas por estruturas funcionais familiares e empregam muito pouco os profissionais com formação superior na área. Esta situação pode ser observada nas mais diversas regiões brasileiras e culmina no desinteresse pela graduação em turismo e numa crise nos cursos superiores da área, que enfrentam um número cada vez maior de desistências.

Se analisado o potencial e a projeção do setor turístico no país, que vem sendo cada vez mais significativo no equilíbrio da balança de pagamentos, na geração de emprego e renda e no crescimento da economia, vê-se que existe um crescimento dispar entre o mercado e a inserção dos Bacharéis em turismo no mesmo, o que leva os pesquisadores e profissionais da área a uma reflexão sobre os fatores que conduzem a esta situação.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o perfil atual do profissional em turismo formado pelas IES – Instituições de Ensino Superior brasileiras, bem como confrontá-lo com a necessidade das empresas que atuam na área, para que se possam então identificar alguns subsídios que levem à compreensão da pouca valorização do bacharel pelas mesmas.

Para tanto, inicialmente faz-se uma abordagem breve sobre o estudo do turismo no país, bem como sobre as diretrizes que norteiam a construção das grades curriculares dos cursos de graduação na área, com o intuito de apresentar o perfil atual destes profissionais, bem como as habilidades e competências requeridas aos mesmos, segundo as orientações do Ministério da Educação - MEC.

Em seguida, apresentam-se informações sobre um trabalho realizado pela Faculdade Sinergia, em Navegantes, SC, que consistiu na indagação de profissionais inseridos em várias empresas do *trade* turístico local sobre suas necessidades em relação aos profissionais com formação na área.

Como resultado, o artigo apresenta algumas questões que pretendem, longe de esgotar o assunto, somente apontar alguns caminhos que possam auxiliar as IES na reflexão e construção de um novo perfil para os cursos de turismo, mais adequado às reais necessidades do mercado de trabalho.

2 O estudo do turismo no Brasil

O turismo é reconhecidamente de grande importância em todo o mundo, já que se configura como grande impulsionador de desenvolvimento e, de acordo com Ansarah (2002), é um dos setores com maior potencial de crescimento na atual economia nos próximos anos.

No Brasil o turismo é ainda considerado um segmento recente, já que, em razão do cenário político e econômico nacional, teve seu desenvolvimento incentivado e ancorado pela esfera pública somente a partir da década de 60, data em que surgiu a primeira entidade com a responsabilidade de nortear e regulamentar a atividade, a atual EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo.

Segundo Rejowski, (1996, p. 59), “nesta época no Brasil, assim como em outros países, existia toda uma expectativa e credibilidade sobre o turismo como uma das ‘chaves que abririam as portas’ do desenvolvimento econômico”. Desta forma, foram surgindo no país inúmeras empresas de prestação de serviços turísticos, em sua maioria de administração familiar, com o intuito de aproveitar a tendência de valorização do lazer e de satisfazer as necessidades de uma demanda crescente por este tipo de serviço.

No entanto, mesmo sendo a atividade acreditada como um importante propulsor do desenvolvimento, o turismo brasileiro era marcado pelo amadorismo e a falta de profissionais qualificados. Tendo em vista a necessidade de se estudar melhor esta atividade, cujos reflexos podem ser percebidos em vários outros segmentos econômicos, e em razão da necessidade de equiparar-se aos parâmetros internacionais, na década seguinte (70), surgiu o primeiro curso superior de turismo no Brasil, que teve como principal função aferir maior cientificidade à atividade e estudar suas implicações econômicas e sociais.

A atuação do Bacharel em turismo emerge no contexto de uma nova profissão, cujos fundamentos foram estabelecidos pelo Governo Federal nos idos de 1971, quando instituiu o curso superior de turismo no Brasil. Este ato de criação denotou uma opção da sociedade brasileira por desenvolver o turismo de forma planejada, estimulando a formação acadêmica de um profissional destinado a atuar nos diversos campos do sistema de turismo. (ABBTUR *apud* BISSOLI, 2002, p. 86)

A partir desta época muitos outros cursos de turismo foram surgindo em várias regiões do país, o que fez com que os órgãos competentes, dentre os quais o Ministério da Educação, se preocupassem com a formação dos seus egressos, principalmente no que tange à definição das habilidades e competências mínimas destes profissionais.

Da reflexão sobre o perfil adequado ao bacharel em turismo emergiram discussões sobre os conhecimentos práticos e teóricos realmente fundamentais para sua formação profissional, temas que serão aprofundados a seguir.

2.1 O perfil do bacharel em turismo segundo o MEC

Os Cursos Superiores no Brasil são caracterizados, de acordo como o MEC (2005, s.p), como cursos que preparam tanto para a carreira acadêmica quanto profissional, oferecendo titulação de Bacharel, Licenciado ou Tecnólogo.

Na tentativa de regular o ensino superior o MEC, através de suas políticas curriculares, dispõe de pareceres, resoluções, leis e diretrizes. Como afirma Pacheco (2003), esses textos curriculares agregam interesses diversos, constituindo-se muitas vezes, em decisões fragmentadas e multicentradas.

Tanto a forma como os conteúdos das políticas curriculares não são, no entanto, decididos nem a partir de critérios meramente técnicos nem de sólidos argumentos teóricos e científicos, mas na base de opções políticas que, em termos ideológicos, representam noções distintas de Estado e lógicas proporcionais às influências dos grupos sociais com interesses e valores educativos. (PACHECO, 2003, p. 29)

Mesmo com interesses diversos, as políticas curriculares constituem-se na regulação do Ensino no Brasil. Especificamente relacionado aos Cursos de Graduação, o MEC possui Diretrizes Curriculares⁴ para os mais diversos cursos, dentre eles o Curso de Turismo.

As Diretrizes Curriculares contemplam orientações às Instituições de Ensino Superior – IES, quanto à fixação dos currículos mínimos dos cursos de graduação, no que se refere ao projeto pedagógico, organização curricular (incluindo os conteúdos curriculares para formação fundamental, profissional e prática), estágios, atividades complementares, acompanhamento, avaliação, monografia, trabalho de conclusão de curso e ainda competências e habilidades que constituirão o perfil básico do futuro profissional.

Conforme Barreto (2004), as diretrizes curriculares surgiram na década de 90, tendo sua base filosófica nas idéias do pensador Edgar Morin. A Diretriz Curricular Nacional do curso de Turismo foi aprovada em 3 de abril de 2002 (Parecer CNE/CES nº 146, publicado no Diário Oficial da União em 13 de maio de 2002).

A referida Diretriz Curricular elencou,

(...) uma série de competências e habilidades tão ampla e ambiciosa que acaba conflitando com as reais possibilidades de formação, já que, praticamente, precisaria haver cursos dentro dos cursos para formar profissionais específicos para uma profissão geral. (BARRETO, *et al*, 2004, p. 74)

As habilidades e competências propostas pelo MEC, para a formação do Bacharel em Turismo, são apresentadas sem distinção do que seriam “habilidades”, ou “competências”, gerando desta forma certa discussão acerca do tema, eis que até os dias de hoje não é pacífico o entendimento acerca de quais matérias seriam realmente abrangidas por cada qual desses dois conceitos.

A competência é a capacidade que as pessoas desenvolvem de articular, relacionar os diferentes saberes, conhecimentos, atitudes e valores, construídos por intermédio de sua vivência e por meio dos conhecimentos construídos na escola. (...) A competência implica, portanto, em operacionalizar conhecimentos, atitudes e valores. (CRUZ, 2001, p. 29)

⁴ As Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação conferem legitimidade ao processo de definição dos currículos de cursos por meio da autonomia das IES. (MEC, 2005, s.p)

E continua o autor afirmando ser "...a prática de determinadas habilidades que constrói a competência" (Idem, p. 28). As habilidades, portanto, representam o domínio de conhecimentos que serão utilizados, dependendo da competência de cada ser humano.

Barreto (2004) considera as competências e habilidades, para a formação do bacharel em turismo, amplas, uma vez que totalizam 19 itens que devem possibilitar a sua formação, dentre as quais:

- Domínio de diferentes idiomas que ensejem a capacitação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ou segmento cultural;
- Profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas para o êxito de qualquer evento turístico;
- Domínios de técnicas relacionadas com a seleção e a avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana; (PARECER CNE/CES nº 146, 2002, p. 16)

Uma análise superficial de cada um dos itens elencados anteriormente e seu confronto com a realidade observada nos cursos de graduação da área permitem verificar que:

- Os cursos de Turismo, em sua maioria, oferecem o inglês e o espanhol como idiomas, ministrados durante um ou dois semestres, o que impossibilita o domínio de uma língua estrangeira.
- A profunda vivência e conhecimento das relações humanas, públicas e articulações interpessoais poderiam ser conquistadas por meio de cursos específicos, como por exemplo, de psicologia, comunicação social ou relações públicas, cada qual com quatro anos de duração.
- O domínio de informações geográficas e históricas levaria, da mesma forma, mais quatro anos para ser efetivado.

Considerando apenas os três exemplos acima, pode-se perceber a dificuldade em se formar um bacharel em turismo revestido das habilidades e competências mínimas exigidas pelo

MEC. “Se fossem somadas as carreiras paralelas que o suposto “profissional de turismo” deveria cursar para ter o perfil desejado pelo MEC, este deveria ficar na universidade durante um mínimo de 15 anos”. (BARRETO, *et al*, 2004, p. 75)

Portanto, percebe-se que a dificuldade em construir um perfil profissional adequado às necessidades do mercado de trabalho é uma decorrência da própria falta de consistência das grades dos cursos superiores, uma vez que procuram contemplar as diversas habilidades e competências exigidas, resultando em um profissional com perfil amplo, mas sem profundidade em nenhuma das áreas do turismo e conseqüentemente não atendendo às necessidades do mercado.

3 O perfil atual do bacharel em turismo X a necessidade do mercado de trabalho

A amplitude de habilidades e competências necessárias para a formação de um Bacharel em Turismo vem constituindo um perfil de profissional generalista. Esse profissional vem encontrado dificuldades de inserção no mercado de trabalho e, apesar de os cursos de turismo haverem proliferado-se pelo país em grande velocidade e de praticamente todas as regiões serem atendidas, o que se percebe hoje é que, mesmo cientes da grande necessidade de qualificação, mesmo com o crescimento da atividade no país, cujo efeito multiplicador e contribuição para a balança comercial é inquestionável, a tentativa de oferecer às empresas mão-de-obra com formação superior na área falhou, já que ainda existe uma grande resistência à aceitação destes profissionais por parte das mesmas.

Segundo Trigo (2000), ainda existe, em vários lugares do planeta, resistência à compreensão de que a elevação da qualidade dos serviços turísticos, dos padrões de segurança, da lucratividade e da eficiência depende em boa parte de formação profissional.

Neste contexto, Ruschmann (2002), comenta que, com um mercado de trabalho tão vasto, não deveria haver obstáculos na inserção dos graduados em Turismo nas empresas do setor. Entretanto, o mercado de trabalho se apresenta retraído por vários motivos, dentre os quais a administração ainda basicamente familiar e o não reconhecimento da importância do conhecimento dos graduados em turismo. A autora ainda aponta que a não aceitação de profissionais com curso superior nas empresas do *trade* pode ser decorrente do fato de que o

mercado formou-se antes de existir mão-de-obra qualificada, criando uma cultura de trabalho própria embasada no conhecimento empírico.

Em contrapartida, as empresas que atuam no complexo sistema de turismo alegam que a pouca aceitação de profissionais com formação na área reside na falta de adequação do perfil dos mesmos às reais necessidades do mercado, principalmente no que tange ao pouco conhecimento das práticas profissionais (leia-se habilidades técnicas) por parte dos graduados na área conforme pode ser comprovado mais adiante.

Como conseqüência à dificuldade de inserção no mercado de trabalho, nota-se uma diminuição da demanda por cursos dessa natureza, o que vem causando discussões não apenas entre docentes e pesquisadores, mas também entre os estudantes da área.

Sabe-se que os cursos de bacharelado em turismo, apesar de terem a intenção de formar tanto para a carreira acadêmica quanto profissional, vêm formando profissionais capacitados para assumirem cargos gerenciais, quando a maioria dos empregos na área do turismo concentra-se nas áreas operacionais.

Durante o 31º Congresso Brasileiro de Agências de Viagens e Exposições de Turismo – Feira das Américas 2003, foi abordado o problema da adequação dos cursos de graduação em turismo às necessidades do mercado. Entre os problemas abordados, o mais grave identificado foi o fato de que a academia vem formando pensadores do turismo ao passo que o mercado precisa de profissionais polivalentes, criativos, que dominem idiomas e tecnologias. (BARRETO *et al*, 2004, p. 45)

Neste contexto, evidencia-se a necessidade de uma melhor adequação dos cursos na área de turismo às necessidades do mercado. Para isso, nada mais prudente que se mantenha um maior contato entre instituições de ensino e *trade* turístico para a formação de profissionais adequados.

Com o intuito de identificar a visão do mercado sobre o perfil do Bacharel em turismo ou mesmo do profissional da área, o Curso de Turismo da Faculdade Sinergia (um dos sete cursos da região, em um raio de 60 Km), localizada na cidade de Navegantes – SC⁵, realizou

⁵ Navegantes é um município turístico do litoral norte de Santa Catarina, possui um aeroporto internacional, está próxima ao Beto Carrero World e importantes destinos turísticos, como Itajaí, Balneário Camboriú e Blumenau.

um Painel com profissionais representativos da região, cujos resultados serão apresentados a seguir.

3.1 Painel: Reflexões sobre nossa Sinergia com o *trade* turístico

O Painel, destinado a discutir o perfil do profissional em turismo, foi realizado em agosto de 2005, nas dependências da INFRAERO – Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária, na cidade de Navegantes. Foram convidados profissionais representativos das diversas áreas que compõem o sistema turístico, as quais: aviação, agenciamento, turismo público, eventos, marketing e hotelaria.

O painel foi conduzido por uma moderadora e contou com a presença de 11 (onze) profissionais, sendo que desses, 4 (quatro) são Bacharéis em Turismo.

As perguntas que orientaram o painel foram elaboradas pelos docentes do Curso de Turismo, as quais seguem:

- Você tem conhecimento dos currículos (grades curriculares) dos cursos de bacharelado em turismo?
- Quais as principais características (perfil) necessárias a um bacharel em turismo?
- Que habilidades profissionais são necessárias a um profissional de turismo para trabalhar em sua empresa (ou no segmento de mercado de sua empresa)? Em qual área do turismo o empresário acredita ser mais importante a atuação de um bacharel em turismo?
- Em sua opinião, quais as principais dificuldades que culminam na baixa absorção dos bacharéis de turismo pelo mercado de Navegantes e Região?
- De que forma o ensino superior pode adequar o perfil do profissional de turismo às reais necessidades do mercado?

Os questionamentos geraram ampla discussão entre os presentes, sendo que os resultados mais significativos estão descritos abaixo:

- Turismo e psicologia: os profissionais em turismo devem entender mais de psicologia do turismo, pois os turistas procuram estar felizes e satisfeitos e o profissional, por trabalhar com pessoas, deve sempre se colocar na posição de turista. Sugestão de mais viagens técnicas durante a graduação, para que o aluno se coloque na posição de turista;
- Formação: foi destacada a necessidade de mão-de-obra operacional qualificada, pois a maioria dos empregos disponíveis estão na área operacional e não gerencial;
- Atualização: O ensino das universidades deve acompanhar a realidade e as tendências de mercado. O profissional deve estar sempre atualizado;
- Empreendedorismo: os estudantes não podem ser formados apenas para serem empregados, obedecer a ordens, mas sim empreender na área, buscarem alternativas ou mesmo ser um empreendedor dentro da empresa em que trabalha;
- Conhecimento: o estudante deve ter conhecimento na prática das ações operacionais dos empreendimentos turísticos. A teoria é considerada importante, mas precisa estar aliada a prática;
- Alteração da estrutura curricular: os cursos de bacharelado em turismo poderiam ter formação geral nos dois primeiros anos e após o terceiro ano o aluno deveria se especializar na área em que deseja atuar;
- Maior integração entre universidades e Instituições de Ensino: Os donos de empreendimentos turísticos devem identificar as dificuldades encontradas, as necessidades e repassar para as universidades para que possam preparar esse profissional;
- Conhecimentos de gestão: os profissionais devem ter conhecimentos mais profundos de administração;
- Idiomas: O inglês foi considerado indispensável, e o espanhol necessário.
- Atuação: o Bacharel em Turismo deve ser considerado um “Engenheiro do Turismo”, deve dar parecer, realizar estudos de viabilidade.

As contribuições realizadas pelos profissionais culminaram na readequação do Curso de Turismo da Faculdade Sinergia a fim de aproximá-lo ao mercado de trabalho local,

caracterizado por pequenos empreendimentos (pousadas, agências de receptivo e pequenos equipamentos de alimentos e bebidas) e pela administração familiar.

As alterações da grade curricular do curso tiveram como principal objetivo oferecer uma formação teórica e prática, preenchendo desta forma uma lacuna do ensino superior local. Para tanto, em todos os semestres serão oferecidos estágios práticos, que serão realizados em parceria com empreendimentos locais. Da mesma forma, foi inserida uma disciplina intitulada mercado de trabalho, a qual fará a aproximação dos acadêmicos a profissionais atuantes na região. Outra preocupação foi com o ensino de línguas, que será oferecido em todos os semestres do curso, sendo que nos quatro primeiros será estudada a língua inglesa e nos últimos a língua espanhola, permitindo assim conhecimento dos dois idiomas em nível intermediário.

Os resultados obtidos como o painel possibilitaram ainda uma reflexão dos docentes sobre suas disciplinas, que resultou no consenso de que as mesmas devem voltar-se a discussões pertinentes ao mercado local e oferecer na medida do possível, além dos conhecimentos teóricos, a prática necessária em cada uma das áreas do turismo.

4 Considerações finais

Os profissionais de turismo encontram atualmente um grande desafio: adequar seu perfil às necessidades das empresas empregadoras na área, de modo que sua competência e importância sejam reconhecidas pelo mercado de trabalho.

Nota-se, no entanto, que parte da dificuldade em adequar a formação do profissional ao mercado reside no fato de que o turismo é caracterizado como uma atividade multidisciplinar, ou seja, depende de uma série de disciplinas e conhecimentos, que constituirão seu corpo teórico e sua prática, o que levou a uma sobrecarga nas matrizes curriculares dos cursos da área. Sendo assim, as habilidades e competências propostas devem ser estabelecidas de acordo com as reais possibilidades de formação, o que leva à necessidade de uma revisão, por parte do MEC, das diretrizes que norteiam os cursos superiores na área. Por sua vez, esta reestruturação exige uma união das esferas públicas, privadas e entidades de classe.

A pouca adequação entre aquilo que é proposto pelos cursos de turismo e as reais necessidades do mercado de trabalho resultam na baixa absorção desses profissionais. Assim, cabe às Instituições de Ensino estar atentas às mudanças no mercado flexível de turismo, adequando suas grades curriculares às características regionais, bem como mantendo contato mais intenso com o mercado de trabalho, até mesmo para divulgar a formação que proporciona e o papel do Bacharel em Turismo. A observação do que o mercado precisa eliminaria em muito o excesso e o não aproveitamento de mão-de-obra formada.

Da mesma forma, considera-se fundamental uma reflexão sobre a formação que possibilite mais conhecimentos práticos, o que poderia ocorrer através do oferecimento de cursos tecnólogos ou técnicos em áreas mais específicas do turismo, como agenciamento, eventos e turismo em espaços naturais, por exemplo.

Contudo, possuir mão-de-obra capacitada, seja na área gerencial ou operacional, é um dos elementos básicos para o desenvolvimento turístico de qualidade. Acredita-se que, por ser uma atividade ainda recente, o turismo tenha muito a evoluir e conseqüentemente o mercado de trabalho começará a valorizar e a requisitar mais os serviços desse profissional.

5 Referências bibliográficas

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETO, M; TAMANINI, E; SILVA, M.I.P. **Discutindo o ensino universitário de turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BISSOLI, Maria Ângela Marques Ambrizi. **Estágio em Turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2002.

CRUZ, C.H.C. **Competências e habilidades: da proposta à prática**. São Paulo: Loyola, 2001.

GOODSON, I.F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MEC. **Cursos Superiores**. Disponível em: <[Chttp://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=category§ionid=2&id=108&Itemid=420](http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=category§ionid=2&id=108&Itemid=420)>. Acesso em 13 set 2005.

MEC. **Diretriz Curricular. Parecer CES/CNE 0146/2002. Aprovado em 03/04/2002. p. 16**. Trata das diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado executivo, Música, Dança, Teatro e Design. disponível em: <[Chttp://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=category§ionid=2&id=108&Itemid=420](http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=category§ionid=2&id=108&Itemid=420)>. Acesso em 13 set 2005

PACHECO, J.A. **Políticas curriculares: referenciais para análise**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

REJOWSKI, Miriam. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira**. São Paulo: Papyrus, 1996.

PETROCCHI, Mário. **Hotelaria: planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 2002.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo no Brasil: análise e tendências**. São Paulo: Manole, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2000.